

A VISÃO DE HEIDEGGER ACERCA DA PSICANÁLISE: UM EQUÍVOCO DO FILÓSOFO?

HEIDEGGER'S VIEW OF PSYCHOANALYSIS: A MISTAKE OF THE PHILOSOPHER?

José Jacques dos Santos 

RESUMO

Mostraremos que as críticas de Heidegger acerca das teorias freudianas e até mesmo da metodologia psicanalítica, partem de um certo desconhecimento do filósofo de que Freud está lidando com o fenômeno do *setting* analítico e este se impõe como o elemento fundamental da Psicanálise. Discorreremos que o constructo heideggeriano *Dasein* incorpora uma nova maneira de pensar o homem e seu mundo. O conceito de ser-no-mundo retrabalha a posição do ser humano, consequentemente modificando os conceitos de psique, psicologia e consciência. Isso dará substrato maior ao trabalho importante de Freud de questionar os limites dos conceitos da lógica pura e soberana. A conclusão aqui apresentada seria que ambos os autores pensam de forma crítica a psique humana e a consciência. Freud parte de seu trabalho clínico, da necessidade de lidar com o fenômeno do inconsciente e de teorizar conceitos e um método para lidar com o mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger. Freud. Dasein. Inconsciente.

ABSTRACT

We will show that Heidegger's criticisms regarding Freudian theories and even psychoanalytic methodology are based on the philosopher's certain lack of knowledge that Freud is dealing with the phenomenon of the analytical setting and that this imposes itself as the fundamental element of Psychoanalysis. We argue that the Heideggerian construct *Dasein* incorporates a new way of thinking about man and his world. The concept of being-in-the-world reworks the position of the human being, consequently modifying the concepts of psyche, psychology and consciousness. This will provide greater support for Freud's important work of questioning the limits of the concepts of pure and sovereign logic. The conclusion presented here would be that both authors think critically about the human psyche and consciousness. Freud starts from his clinical work, from the need to deal with the phenomenon of the unconscious and to theorize concepts and a method to deal with it.

KEYWORDS: Heidegger. Freud. Dasein. Unconscious.

INTRODUÇÃO

Heidegger estabelece uma crítica ao método de Freud porque ele estaria trabalhando os fenômenos ao nível da produção de suposições. Freud estaria fazendo suposições sobre forças desconhecidas, que estariam provocando os atos falhos, por exemplo. Ou seja, se produz uma suposição que viria a explicar o fenômeno que está produzindo este ato falho. Heidegger coloca a questão de que a suposição de Freud não necessita ser verdadeira, contanto que ela dê conta de ser uma explicação para o que aconteceu. Contanto que ela seja explicativa, não há necessidade de ela ser provada com exatidão objetiva.

É uma crítica justa, mas o filósofo se esquece que Freud já antecipa este tipo de crítica de antemão. Desde os primórdios do trabalho de Freud e Charcot, quando ainda se falava da hipnose, os caminhos que levam a construção do método psicanalítico são um tatear no escuro, por assim dizer.

A hipnose já havia provado que existia uma corrente de pensamentos que não faziam parte da consciência, mas que estavam lá agindo e fazendo seus efeitos. A sugestão hipnótica inclusive se baseava em pensamentos que eram postos em movimento na mente do sujeito sem que sua consciência se desse conta que esses pensamentos estavam lá.

Essa segunda corrente de pensamentos, subterrânea, já é um fenômeno amplamente provado, não pela Psicanálise, mas pelo próprio método da hipnose. Obviamente que Freud utiliza este fenômeno e o teoriza de forma profunda para construir sua metodologia da prática psicanalítica. Mas é seguro dizer que o fenômeno de uma corrente de pensamentos atuando na mente humana ao mesmo tempo que está distante da consciência, a validação da existência deste fenômeno vai muito além de Freud. Isso demonstra que Freud não está criando uma suposição de um campo de pensamentos fora da consciência. Ele não está produzindo um constructo chamado "inconsciente", para poder validar todo seu método de tratamento.

A medida que a psicopatologia recuperada e ampliada tinha que trabalhar com os processos inconscientes e os diversos sinais pelos quais eles se fazem sintoma era, no entanto, necessário que cada uma dessas vias metodológicas sofresse uma espécie de complicação ou talvez lhe fosse incorporada uma estrutura paradoxal para que levassem ao objeto da pesquisa e mostrassem a adequação do método ao objeto (Stein, 1997, p. 52-53).

Trago como hipótese que Heidegger está esquecendo-se que a psicanálise será criada como um método de tratamento de doenças mentais. Isso significa que Freud tem que atender seus pacientes, eles têm que obter uma melhora de seu sofrimento psíquico e ele precisa validar de alguma forma que esses pacientes obtiveram uma melhora através do método da Psicanálise.

Se dissermos que os benefícios terapêuticos da Psicanálise não são medidos de forma quantitativa, que o psicanalista não prova na forma de um experimento científico que houve benefícios- não da mesma forma que um cientista prova a existência da bactéria, por exemplo. Isso não significa que qualquer resposta, qualquer suposição possa ser válida. Pelo contrário, isso significa que as provas que Freud necessita demonstrar sobre a eficácia do seu método são ainda mais complicadas de serem obtidas do que uma mera validação científica.

A situação transferencial é o lugar onde emerge toda a massa de que se serve o pesquisador(psicanalítico). Há uma lógica da descoberta sustentando no nível epistemológico a relação transferencial. Porém, somente para o pesquisador se torna possível a lógica da justificação que dá conta sistematicamente dos momentos da situação transferencial (Stein, 1997, p. 55).

Freud em toda sua obra produz um conceito próprio do que seja o seu inconsciente. Mas Heidegger parece não estar considerando alguns pontos. Primeiro, todo esse campo do conceito do inconsciente não é uma produção freudiana advinda do nada. Freud tem que lidar com os pacientes de sua clínica. No começo, ele tem a seu dispor a ferramenta do método da hipnose, que já lhe dá um conceito de inconsciente. Ele vai modificar este conceito e englobar outras coisas, a tal ponto que será um conceito praticamente novo, embora suas raízes sejam advindas da hipnose.

1 A IMPOSIÇÃO DA PRIMAZIA DO ATENDIMENTO CLÍNICO

Freud não está produzindo a Psicanálise como uma técnica inovadora para tratar as doenças mentais. Fazer isso é esquecer de onde Freud está surgindo. Atrás dele tem toda uma história do atendimento de pacientes e do tratamento de doenças mentais. Todas essas práticas que vêm da Psiquiatria e da Psicologia são uma herança de Freud. Ele vai criar um método radicalmente diferente, por isso a psicanálise surge como algo nunca visto em sua radicalidade no tratamento desses

pacientes que possuem um sofrimento psíquico. Mas Freud está inserido em uma tradição onde as pessoas se queixam de problemas psíquicos – tendo ou não uma base orgânica – e se busca um tratamento eficaz para aliviar seu sofrimento.

Penso que, com isto, com essa dimensão da clínica, invalida-se o argumento de que são meras suposições. Se tal caso fosse, não haveria uma melhora terapêutica destes pacientes. Pode-se, claro, objetar que eles estão melhorando por sugestão. Mas isso seria desconhecer que Freud abandona a sugestão exatamente por esta ter um alcance muito limitado. A sugestão em si não responde a melhora terapêutica que os pacientes estão recebendo.

Como foi citado, não se quantifica esta melhora em termos de uma validação científica propriamente dita. Mas isso, como disse, faz com que o rigor da avaliação da terapêutica seja ainda mais necessário. Não basta o paciente dizer que teve uma melhora. Certos aspectos de sua vida também têm que se mover na direção de que ele esteja lidando melhor com sua vida do que lidava antes. O rigor da análise da validação da terapêutica da psicanálise é tão inflexível que Freud vai escrever seu famoso texto *Análise terminável e interminável*, por meio do qual pondera se realmente uma análise chega ao fim, ou até que ponto a terapêutica pode avançar para o que podemos considerar como um caso de sucesso.

Freud a muito já havia abandonado o conceito de cura da patologia. Não se cura uma neurose ou uma psicose. O que se busca é transformar, modificar aquela patologia em alguma outra coisa que permita ao paciente diminuir seu sofrimento psíquico e ter uma vida mais plena. Um neurótico não deixará de ser neurótico. O conceito de ser curado vai ser modificado pelo conceito dele poder viver de uma forma mais tranquila e satisfatória. Será uma cura no sentido de que será minimizado o sofrimento psíquico ele poderá lidar melhor com sua vida cotidiana.

Haverá toda uma produção teórica freudiana que representa um lado mais abstrato e filosófico, digamos assim, de Freud. Como diz Stein, é a erotização da importância das suas ideias. As descobertas clínicas vão lhe permitir propor novos conceitos e pensar de forma renovada o que são as psicopatologias e seu tratamento.

Freud, de um lado, precisava dar conta dos fenômenos que observava no universo de sua clínica. Ele buscava clareza para aquilo que se lhe apresentava como fenômenos até aí inusitados, e as surpresas de Freud, as descobertas que ele comunica compulsivamente a Fliess e

eventualmente a outros, revelando justamente essa espécie de auto-erotização do seu universo teórico (Stein, 1997, p. 63).

Mas Freud também necessita demonstrar a validade de seus trabalhos perante seus pares. Isso significa demonstrar aos profissionais da Saúde a qualidade de sua metodologia. Defender a Psicanálise não seria apenas defender um ponto de vista de onde ele constrói seus conceitos, mas é a defesa de toda sua clínica e dos benefícios terapêuticos de seu método. Ele precisa mostrar e comprovar que os doentes obtiveram um alívio do seu sofrimento clínico. Isso implica ser avaliado com um rigor maior pela comunidade científica, pois Freud busca um objetivo que exige muito mais rigor na prática clínica e na produção de teorias. Dar conta da clínica, essa meta é muito mais difícil de ser quantificada.

O outro motivo pelo qual Freud desenvolveu conceitos metapsicológicos, que se tornaram conceitos padrões dentro da Psicanálise, foi a necessidade de prestar contas ao público culto no universo científico, ou seja, poder participar da discussão científica através da defesa da Psicanálise. Portanto, podemos observar razões pelas quais foi produzido um universo conceitual do qual Freud foi necessitando progressivamente. Estas as razões: dar conta da clínica e prestar contas diante do público científico (Stein, 1997, p. 63).

Heidegger não está considerando que a psicanálise tenha que necessariamente provar de forma científica as questões do inconsciente. Ele mesmo cita a passagem de Aristóteles comentando sobre este lugar onde não há a necessidade de provas no sentido objetivo (objetificando) e que no entanto não quer dizer que não se possa fazer uma fundamentação rigorosamente bem estabelecida:

Deve-se diferenciar rigorosamente onde precisamos exigir e procurar provas e onde elas não são necessárias e onde, apesar disto, existe a forma mais elevada de fundamentação. Nem toda fundamentação pode e deve ser um provar, pelo contrário, todo provar é uma espécie de fundamento.

Aristóteles já dizia: 'é ignorância não reconhecer em relação a que é necessário procurar provas e em relação a que isto não é necessário'. Se houver a compreensão desta diferença é sinal de que somos criados e formados para o pensar. Quem não tem esta compreensão não é criado nem formado para a ciência (Heidegger, 2001, p. 35).

A linha de crítica que Heidegger está estabelecendo diz respeito ao fato de que Freud está observando vários fenômenos e seu método está colocando as suposições produzidas acerca destes fenômenos como o ponto principal da busca da terapêutica.

Heidegger situa que a verdade, para Freud, não está em um campo da fenomenologia. A verdade está em um campo de especulações que são tecidas para justificar os fenômenos que se observa. Nas palavras de Heidegger

Discussão entre a observação psicodinâmica e daseinanalítica do homem: sobre o que se delibera e se decide? Sobre a determinação do ser no ente, que nós mesmos. Que ser vemos em primeiro lugar? Em relação a quê, segundo Freud, os fenômenos devem retroceder perante as suposições? Em relação ao que se toma como real e como ente: só é real e verdadeiro aquilo que pode ser subordinado a ininterruptas conexões causais de forças psicológicas, na opinião de Freud (Heidegger, 2001, p. 36).

Como foi dito acima, não podemos perder de vista que o trabalho de Freud é primeiramente a terapêutica de um sofrimento que o paciente traz. Se está terapêutica pode se dar pela via da sugestão- que é o que me parece que Heidegger está falando quando diz que Freud faz suposições-, enfim, que assim seja, pois o objetivo é o alívio deste sofrimento.

Freud já foi além da técnica da sugestão. Ela possui seus limites, por isso é abandonada por ele em um método mais refinado que será a psicanálise. A crítica do filósofo demonstra também que o mesmo não dedicou um olhar mais atento a obra freudiana. Nos textos, Freud sempre se utilizou de um recurso que é um leitor crítico e cético. O ceticismo foi representado por este leitor que contesta os próprios princípios que Freud está estabelecendo. É interessante este recurso utilizado por Freud, pois isso quer dizer que ele mesmo antecipa e trabalha vários questionamentos que estão vindo acerca do método que ele apresenta.

Se o filósofo tivesse se debruçado mais atentamente, perceberia que Freud conjectura, desde os primórdios teóricos, que a construção que ele faz em análise pode ser a maneira como está estruturada uma formação do inconsciente, como pode ser também uma produção fantasiosa do próprio analista. Freud comete mesmo certos escorregões, principalmente quando ainda tinha o hábito de realizar uma série de interpretações seguidas. Fascinado com suas próprias interpretações, ele não percebe que algumas não tem grande serventia. O aprimoramento de seu método constitui o processo de fundar-se na escuta, sendo a ferramenta da interpretação utilizada com uma certa parcimônia. Lacan vai nesta direção porque sua interpretação da obra freudiana vai lhe permitir observar qual a direção que Freud seguia como horizonte no aperfeiçoamento de seu método.

Toda a construção teórica do que seria o aparelho psíquico advém das observações dos fenômenos que aparecem na clínica. A questão sexual não é uma escolha temática para as interpretações de Freud por acaso, ela vem dos fenômenos da movimentação dos instintos que, *a posteriori*, Freud produzirá o conceito de pulsão, para diferenciar do biológico animal para algo já diferenciado, isto é, característico do ser humano.

Em primeira instância, a análise das neuroses de transferência forçou à nossa observação a oposição entre os 'instintos sexuais', que se dirigem para um objeto, e certos outros instintos, com os quais nos achamos insuficientemente familiarizados e que descrevemos provisoriamente como 'instintos do ego'. Um lugar de proa entre estes foi necessariamente concedido aos instintos que servem à auto conservação do indivíduo. Foi impossível dizer que outras distinções deveriam ser traçadas entre eles. Nenhum conhecimento seria mais valioso como base para uma ciência verdadeiramente psicológica do que uma compreensão aproximada das características comuns e dos possíveis aspectos distintivos dos instintos, mas em nenhuma região da psicologia tateamos mais no escuro (Freud, 1996, p. 34).

A resposta de Freud ao questionamento de Heidegger é bastante simples: a dita "suposição" construída como interpretação, por exemplo, necessita dar conta do fenômeno ao qual está ligada. Ou seja, uma interpretação tem que demonstrar como se formou um sintoma e como ele se tornou algo permanente que varia muito pouco ao longo do tempo.

A interpretação explica o fenômeno observado, mas até aí o filósofo está correto em dizer que uma suposição explicativa está colocada como acima do fenômeno. No entanto, a interpretação não apenas explica o fenômeno em questão, ela tem que tocar em um determinado ponto que faça com que aquele fenômeno seja dissolvido. Uma boa interpretação vai ter como efeitos a dissolução de um sintoma a muito instaurado. Isso é definido por Freud como a terapêutica da Psicanálise.

2 A IMPORTÂNCIA DA SEXUALIDADE NO FUNCIONAMENTO DA PSIQUE

É interessante apontar que Heidegger, em seus profundos estudos sobre a existência humana, deixa a questão da sexualidade de lado. Isso é escandaloso, já que, em contrapartida, Freud não pode fazer isso, pois o sexual lhe interroga desde o começo dos seus atendimentos clínicos. Freud mesmo constata o quão pouco a ciência tem auxiliado ao entendimento da sexualidade. Não seria um grande

problema, se as psicopatologias não estivessem enraizadas profundamente nas questões sexuais,

À parte isso, a ciência tem tão pouco a nos dizer sobre a origem da sexualidade, que podemos comparar o problema a uma escuridão em que nem mesmo o raio de luz de uma hipótese penetrou. Em outra região, inteiramente diferente, é verdade, defrontamo-nos realmente com tal hipótese, mas é de tipo tão fantástico, mais mito do que explicação científica, que não me atreveria a apresentá-la aqui se ela não atendesse precisamente àquela condição cujo preenchimento desejamos, porque faz remontar a origem de um instinto a uma necessidade de restaurar um estado anterior de coisas (Freud, 1996, p. 38).

Freud constata a força das pulsões sexuais como um desejo de unir-se, tornar-se um. Uma espécie de busca de completude. A sexualidade assim busca um objeto faltante. O sexual impele para uma união que atingiria uma espécie de estado de satisfação onde essa falta seria suprimida. Lacan a posteriori levará mais adiante estes trabalhos iniciais de Freud.

Note-se que Freud vai encontrar um corpo teórico que descreve este funcionamento do sexual, não dentro do conhecimento científico, mas em uma mitologia. Será uma teoria platônica que sai da boca de Aristófanes, sobre o mito da diferenciação dos sexos

O que tenho no espírito é, naturalmente, a teoria que Platão colocou na boca de Aristófanes no Symposium e que trata não apenas da origem do instinto sexual, mas também da mais importante de suas variações em relação ao objeto. 'A natureza humana original não era semelhante à atual, mas diferente. Em primeiro lugar, os sexos eram originalmente em número de três, e não dois, como são agora; havia o homem, a mulher, e a união dos dois (...)' tudo nesses homens primevos era duplo: tinham quatro mãos e quatro pés, dois rostos, duas partes pudendas, e assim por diante. Finalmente, Zeus decidiu cortá-los em dois, 'como uma sorva que é dividida em duas metades para fazer conserva'. Depois de feita a divisão, 'as duas partes do homem, cada uma desejando sua outra metade, reuniram-se e lançaram os braços uma em torno da outra, ansiosas por fundir-se (Freud, 1996, p. 38-39).

Os mitos são extremamente importantes para Freud. Ele sempre considerou que a mitologia, com suas construções fantásticas, consegue pegar excelentes porções da verdade, que muitas vezes escapa mesmo ao cientista mais arguto.

Heidegger, como vimos, não trabalha as questões sexuais. Mas Platão já percebe e problematiza essa força de atração que faz os diferentes sexos se unirem.

Esse mito trazido por Aristófanes, tem as pinceladas aberrantes das fábulas fantásticas. Mas por mais ridícula que seja a fábula, ela é uma tentativa de explicar um fenômeno que já está chamando a atenção dos gregos, a força e o poder da atração que faz os sexos se unirem.

A energia sexual que atua como a energia magnética dos imãs. Obviamente os gregos já sabiam que não era uma atração entre os sexos opostos, podendo ser também entre os do mesmo sexo. Esta energia poderosa que funciona de forma misteriosa, a explicação só é possível no esdrúxulo do mito que Aristófanes evoca.

Se está contido ali no relato de Platão, de *O Banquete*, demonstra que os gregos já conheciam e se intrigavam com este fenômeno. Heidegger não vai lhe dar grande atenção, mesmo sabendo que se debruçar na obra freudiana significa olhar atentamente a questão sexual. Não se pode ignorar ela, sob pena de se estar míope as observações de Freud.

Temos que considerar que o interesse de Heidegger por Freud não irá avançar na época da grande guerra, por óbvias razões políticas. Assim o filósofo não percebeu que o trabalho de Freud se dá dentro do campo transferencial, isto é, do amor. Não é por acaso que ele encontra então a resposta em um texto que trata disto, *O Banquete*.

O poder e a força da sexualidade estão ali constatados pelos gregos. Essa energia sexual que move as pessoas e está dentro de toda a sociedade, mas da qual pouco se fala e pouco se teoriza. Há um pudor silencioso, que faz com que nos calemos quanto ao funcionamento sexual da sociedade. Freud vai escarafunchar tudo isso pois o sintoma psicopatológico que gera sofrimento ao ser humano está se dando nesta via desprezada.

3 UMA CERTA VISÃO EQUIVOCADA DA PSICANÁLISE?

Penso que as críticas de Heidegger podem ser melhor trabalhadas se tirarmos o estigma de crítica, de verdadeiro ou falso, e utilizarmos um termo que Lacan nos cede como muito precioso que é o equívoco. Ao considerar isto, trabalhamos na linha de que o filósofo se equivoca quanto a visão do que seria propriamente dito a Psicanálise.

Do outro lado do equívoco, temos que Freud está desenvolvendo seu método de tratamento do sofrimento psíquico dos pacientes sem, no entanto, construir um

sistema de conceitos e paradoxos que garanta uma compreensão mais clara do que está ocorrendo nesses fenômenos que surgem na clínica. Certamente Freud tem sua metapsicologia para explicar e sustentar sua prática clínica e os resultados que ele está obtendo com seu método. Mas, ao mesmo tempo, Freud não está produzindo todo um conjunto de paradigmas e também não está reformulando paradigmas já instaurados, como Heidegger está fazendo.

Freud não vai pelo caminho de estabelecer uma crítica da lógica vigente para então propor uma reformulação desta ou o acréscimo da lógica do inconsciente na formulação filosófica do conhecimento humano. Ele vai produzir toda uma construção teórica para dar conta de uma metodologia que ele está refinando aos poucos no atendimento clínico, na busca da melhor terapêutica.

No outro extremo, Heidegger está reformulando certas concepções que ainda estavam estabelecidas na psicologia. São lugares diferentes e, portanto, o que se espera do ofício de cada um é diferente. Freud tem que dar conta dos fenômenos que aparecem na clínica e busca a terapêutica deles. Heidegger tem que ressituar certos conceitos que não dão conta dos fenômenos que surgem. Os conceitos de homem, de consciência, de mente, de lógica, etc. é preciso uma nova reformulação e para isso é preciso situar estes conceitos dentro de uma linha temporal. Heidegger precisa retornar aos gregos, a Kierkegaard, Nietzsche, etc. Esta é a tarefa do filósofo, esmiuçar como um conceito surge e se modifica no tempo para poder buscar fazer uma reformulação dele.

A lógica estabelecida desde Aristóteles tem que ser reconceituada de uma outra forma. O fenômeno do campo de pensamentos que não faz parte da consciência da mente humana mostra os limites da concepção de lógica e da informação que perdurava até então. Mas estas modificações são do campo do filósofo, pois implica um trabalho exaustivo de explanação do que é a lógica desde Aristóteles, e estabelecer uma crítica para poder, *a posteriori*, introduzindo um conceito novo que abarque o campo deste inconsciente, que tem uma lógica diferenciada da lógica formal estabelecida por Aristóteles.

3.1 A IMPORTÂNCIA DO CONSTRUCTO DASEIN

As andanças de Heidegger vão lhe fazer reformular vários destes conceitos que estão reinando até então na psicologia. Com isso, vem o advento do seu famoso

constructo do *Dasein*, uma ferramenta valiosíssima para o conhecimento humano. Todas as representações encapsuladas objetivantes de uma psique, um sujeito, uma pessoa um eu, uma consciência, usadas até hoje na Psicologia e na Psicopatologia, devem desaparecer na visão daseinanalítica em favor de uma visão completamente diferente.

A constituição fundamental do existir humano a ser considerada daqui em diante se chamará 'Da-sein' ou 'ser-no-mundo'. Entretanto esse *Da* não significa, como acontece comumente, um lugar no espaço próximo do observador. O que o existir como *Da-sein* significa é um manter aberto de um âmbito de poder-apreender as significações daquilo que aparece e que se lhe fala a partir da sua clareira. O *Da-sein* humano como âmbito de poder-apreender nunca é um objeto simplesmente presente. Ao contrário, ele não é de forma alguma e em nenhuma circunstância, algo passível de objetivação (Heidegger, 2001, p. 33).

Veja que a citação de Heidegger demonstra seu lugar como filósofo na pretensão de fazer uma radical modificação em conceitos psicológicos vigentes até então. Não é o caminho de Freud. Ele cria seu método, sua metapsicologia própria. Em nenhum momento o objetivo de Freud foi reformular a Psicologia. Que a Psicanálise coloque em causa a psicologia, isso é consequência, não o objetivo.

Por isso que o olhar do filósofo vai abrir um outro campo não percorrido pela psicanálise. O constructo *Dasein* vai dar uma outra concepção ao termo psicologia. O *Dasein* será essa abertura do ser onde ele se presentifica. O *Da*, o *aí*, sugere uma certa espacialidade. O *Sein*, que será o ser, surge dentro deste lugar que não é propriamente um lugar. É uma abertura, clareira. Heidegger diz que o *Da* não é próximo ao observador. Ou seja, ali onde um fenômeno surge desta presentificação desse ser, não parece que é algo que possa ser observado com exatidão. Antes, me parece que o filósofo está dizendo que um fenômeno pode surgir e ser apreendido neste determinado ponto.

Se o *Dasein* (o ser-aí, na tradução precisa de Stein) não é passível de ser objetivado, como o filósofo pontua, é porque ele tem um caráter de radicalidade e de originalidade que faz com que ele nunca seja o mesmo. Ele é original, sempre surgindo de uma forma diferente. Pois se ele se repetisse, penso que poderíamos considerar que ele pode ser tomado como um objeto. Sua constância seria sua definição de ser objeto. Ora, se ele está escapando dessa objetivação – esse é seu caráter primordial – ele parece estar surgindo sempre de uma forma inusitada.

O *Dasein* será este elemento que Heidegger faz subir ao palco onde pode surgir o campo da compreensão. A busca da compreensão das coisas e da compreensão de sua própria existência é um fenômeno que o filósofo está situando como *Dasein*. Tudo o que comumente chamamos como o sentido da vida, as possibilidades do homem de transformar seu mundo, a própria imagem interpretativa que o homem faz do que é o mundo, são potencialidades que somente o ente *Dasein* pode ter:

O *Dasein* é o único ente capaz de compreender a si mesmo, e essa compreensão se dá na medida em que é, em que exerce o seu existir. Ele é um ente ontológico porque traz em si o sentido de ser, e é pré-ontológico por já ter uma (pré) compreensão desse sentido, uma compreensão antes mesmo de poder teorizá-la, o que Heidegger chama de uma compreensão pré-teórica. O *Dasein* é o único ente a possuir um sentido, o único capaz de criar, desejar, construir, destruir, e tudo mais que demonstre sua total interação com a própria existência, o que não é possível nos demais entes (Araujo, 2014, p. 203).

Com o constructo *Dasein*, Heidegger está situando o homem em um outro lugar. Se vulgarmente era considerado que o homem estava ali onde ele exercia seu poder e controle do seu raciocínio lógico sobre um mundo externo, isso agora já não é verdade. O raciocínio lógico ainda permanece como ferramenta fundamental. Mas vemos que o filósofo coloca um elemento como anterior a tudo. É um elemento indeterminado de onde surgem coisas originais. O ser-no-mundo implica que este elemento é um fenômeno produzido pelo fato do ente *Dasein* estar situado no mundo. O fenômeno *Dasein* surge nesta relação. Como fenômeno ele se dá a ver, se presentifica. Com isto Heidegger parece estar precisando um ponto anterior a concepção do ser humano detentor do raciocínio lógico que aplica em um mundo externo. Por isso o filósofo diz estar propondo uma mudança paradigmática no conceito do que pensamos ser a psicologia.

A mudança paradigmática de Heidegger terá um dos aspectos de que o constructo *Dasein* não define, de forma precisa, o que é seu objeto. Neste sentido, a psicologia, como ciência que estuda a psique, não pode mais pensar que seu conhecimento está fundamentado em um objeto bem definido, bem delimitado dentro dos conceitos. Ou seja, a Psicologia pressupõe, em seus fundamentos, que o objeto psique é conhecido.

Ora, quando o filósofo propõe o *Dasein*, ele não irá pela via complexa de desejar dar uma definição precisa do ser. A mudança de olhar de Heidegger permite que o *Dasein* seja uma explanação do “como” é o ser, de que forma o ser se predica

A fenomenologia de Heidegger não tem a intenção de falar sobre o “quê” das coisas, mas do “como”. Heidegger não tem a intenção de dizer o que é o ser, nem o que é o *Dasein*, mas como são, como se apresentam. É esse “como” que nos mostra toda a complexidade do *Dasein* e sua importância para caminharmos para uma compreensão do ser (Araujo, 2014, p. 203-204).

O *Dasein* é o campo das possibilidades, pois ali onde o ser acontece é que ele pode ser compreendido em seu acontecimento. Me parece que o caminho da definição de Heidegger do *Dasein* será este duplo campo. Primeiro, o ser comporta em si mesmo todas as possibilidades, sendo infinito nas formas em que ele pode vir a ser. Portanto, ele de forma alguma pode ser objetificável, pois as possibilidades não podem ser podadas pela definição de um conceito. Segundo, é no acontecimento do “aí”, do *Da*, que o ser se revelaria em sua possibilidade que aconteceu. Por isso podemos compreender o ser neste instante em que ele é. Compreendemos a possibilidade que acontece. Podemos então objetificar, não o ser, mas o acontecimento do ser

O *Dasein* lida com sua existência de forma totalmente jogada, onde tudo é possibilidade e nada está pronto. Sendo assim, tudo é possibilidade no “sendo” do *Dasein*. Como nada está pronto para a presença, ela só se compreende sendo/existindo. Tal compreensão de ser é em si mesma uma compreensão de ser do *Dasein*, como Heidegger descreve, e nenhum ente traz em si essa determinação. Isso já deixa claro a importância da presença na questão do ser (Araujo, 2014, p. 204).

O *Dasein* tem a característica de revelar o ser como fenômeno neste ponto privilegiado que é o “aí”, onde corresponde ao ponto que ocorre sua abertura, o instante. Seu acontecer é no campo de sua existência dentro do mundo, portanto seu aspecto de ser-no-mundo. Não cabe fazermos a diferenciação entre o ser e o mundo ou definir a forma como se caracteriza essa relação, porque o objeto tratado é a própria relação. Os dois elementos do ser e do mundo são indefiníveis. Somente produzimos uma compreensão da relação de ambos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias freudianas são tecidas a partir dos atendimentos clínicos, visam descrever os fenômenos que estão acontecendo assim como estabelecer uma metodologia que dê conta das psicopatologias. Essa visão é necessária para entendermos que a Psicanálise é todo um campo de conhecimento construído para dar conta da terapêutica dessas psicopatologias. Ela não pode ser dissociada disto. Portanto, a ética da Psicanálise é a direção terapêutica de minimizar o sofrimento dos pacientes.

Os trabalhos de Freud não são meras elucubrações do mesmo, pois antes precisam atender a essa norma ética acima descrita. Heidegger parte de um lugar diferenciado, pois seu campo teórico tem que estar estabelecido de acordo com o conhecimento filosófico de outros autores. Heidegger busca suporte em vários outros filósofos para repensar os conceitos que estes produziram antes dele. Heidegger desconstrói diversas teorias e repensa os fenômenos escritos. Como Freud parte da clínica, ele não faz uma crítica diretamente aos conceitos estabelecidos, mas ele repensa estes conceitos a partir das questões que o trabalho clínico lhe imputa.

Freud e Heidegger partem de lugares diferentes, mas existe uma aproximação entre eles. Esmiuçamos o constructo *Dasein*, o ser-aí. Ele representa uma clareira de compreensão onde o ser pode ser capturado nesse instante do "aí". Ele não pode ser objetivado, pois sempre é uma captura de um momento singular. O *Dasein* vai simbolizar a forma do ser-no-mundo. Essa existência inserida no mundo é a essência do ser humano, mas não pode ser capturada como algo estanque e imutável. Assim o homem, na teoria do *Dasein*, tem que ser entendido como uma possibilidade de capturar este momento onde o ser se apresenta nesta abertura.

O conceito de *consciência* se modifica porque, ao constatar que eu estou no mundo, isto já é um a posteriori dos efeitos da compreensão do *Dasein*. Heidegger, como os gregos, não vai definir objetivamente o ser. Mas vai pensa-lo em um determinado lugar e de uma determinada forma, onde esse ser pode se apresentar como essência da existência.

Em conclusão, muitos pontos levantados por Freud podem ser entendidos a luz do novo paradigma que foi estabelecido pelo conceito do *Dasein*. Freud demonstra que a consciência não é o centro do ser humano. Demonstra que os processos inconscientes têm prevalência na psique. Além disso, a lógica inconsciente

que determina e mantém as psicopatologias também será a forma como o homem é no mundo, seu ser-no-mundo. Para Freud, este se dá pelo sintoma. Embora haja diferenças irreduzíveis entre o constructo inconsciente e o constructo *Dasein*, ambos questionam e criticam a posição antropológica do ser humano que vingava até uma época neokantiana.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Marcos Vinícius Gomes de. Uma breve compreensão sobre o 'Dasein' de Heidegger. **Revista Lampejo**, n. 6, p. 200-206, 2014.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer** (1920), v. XVIII, Imago: Rio de Janeiro, 1996.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Fausto Castilho. Vozes: Petrópolis-RJ, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**. Medard Boss: Vozes: Petrópolis-RJ, 2001.

STEIN, Ernildo. **Anamnese: a filosofia e o retorno do reprimido**. EDIPUCRS: Porto Alegre, 1997.

STEIN, Ernildo. **Analítica existencial e psicanálise: Freud, Binswanger, Lacan, Boss-conferências**. Ed. Unijuí: Ijuí, 2012.

STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre "Ser e tempo"**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

Sobre o autor

José Jacques dos Santos

Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Contato: josejacques888@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7807-9076>

Artigo recebido em: 24 de abril de 2022.

Artigo aceito em: 19 de junho de 2024.